

Discurso do Presidente da República, João Lourenço, no acto central das comemorações do
Quinquagésimo Aniversário da Independência Nacional

11 de Novembro de 2025

-Excelências Chefes de Estado e de Governo

-Excelências Chefes das delegações convidadas

-Excelências membros dos Órgãos de Soberania Nacional e do Executivo

-Excelências membros do Corpo Diplomático

-Excelências membros da Comunidade Eclesiástica

-Estimados Convidados

-Minhas Senhoras, Meus Senhores

Tenho o privilégio e a honra de acolher as ilustres figuras aqui presentes, que aceitaram o convite para partilhar connosco este momento único da história recente de Angola, que, numa data como a que hoje nos congrega aqui, o saudoso Dr. António Agostinho Neto proclamou, sob o troar dos canhões, a Independência Nacional de Angola, tornando-se no Primeiro Presidente do nosso país.

Cabe-me a grande responsabilidade, 50 anos após este dia histórico, de vos dar as boas-vindas a Angola e agradecer-vos a amabilidade e o gesto de profunda amizade e simpatia de terem vindo ao nosso país neste momento relevante da nossa história.

Vossa presença ilustra a profundidade e amplitude dos laços históricos de amizade e cooperação que nos ligam há décadas, os quais temos procurado, no quadro de um esforço comum, preservar e reforçar, com a perspectiva de contribuirmos para a prosperidade dos povos de cada um dos nossos países.

Aceitem um abraço fraterno de todos os angolanos, que, neste dia, se regozijam com a vossa estadia entre nós, desejando-vos que desfrutem da hospitalidade e do carinho que vos brindamos.

Excelências,

Angolanas e Angolanos

Fizemos uma caminhada difícil nestes 50 anos, em que fomos forçados a transpor obstáculos e enfrentar situações complexas no contexto da Guerra Fria, em que tivemos de nos bater tenazmente pela preservação da nossa Independência e Soberania nacional.

Mal tínhamos acabado de vencer o colonialismo português que nos oprimiu e escravizou durante séculos, tivemos de imediato de enfrentar o regime retrógrado do Apartheid, que

representava uma ameaça permanente aos povos da África Austral e de Angola em particular, por nos ter agredido, invadido e estar assente na ideia da superioridade de uma raça sobre a outra e no segregacionismo como modelo de sociedade. Corremos o sério risco de ser colonizados duas vezes, num tão curto espaço de tempo.

Mas como a ameaça era colectiva, pesava sobre vários povos, a África Austral uniu-se e ergueu-se como um só corpo, num amplo e dinâmico movimento dos países da região que se organizaram no quadro da chamada “Linha da Frente”, para coordenar estratégias, reforçar a capacidade de luta e de resiliência, face a esse regime agressivo.

Foi uma fase difícil e de muita entrega de todos, em que o antigo Presidente José Eduardo dos Santos assumiu um papel de liderança na condução das acções diplomáticas e de outra natureza, para acelerar o fim do regime do Apartheid, que viu ruir as bases em que assentava, a partir da derrota militar que lhe foi infligida na célebre Batalha do Cuito Cuanavale.

Valorosos jovens combatentes angolanos e cubanos verteram o seu sangue para resgatar a dignidade dos povos da África do Sul e da Namíbia e livrar a humanidade do longo pesadelo que representou o regime do Apartheid.

Excelências,

Caros Compatriotas

Lamentavelmente entre ameaças externas e internas, desde o dia da proclamação da Independência Nacional, o país enfrentou um longo conflito que perdurou por 27 anos consecutivos, provocou a perda de um elevado número de vidas humanas, uma grande destruição de infra-estruturas, dividiu famílias, situação, no entanto, ultrapassada, com o alcance da paz a 4 de Abril de 2002.

Uma vez conquistada a paz e criadas as premissas para uma efectiva reconciliação nacional, aproveitemos esta oportunidade única para construirmos juntos uma sociedade inclusiva e com igualdade de oportunidades para todos os cidadãos.

Os desafios são enormes e de grande complexidade. Precisamos de nos focar em acções e iniciativas que contribuam para a solução dos inúmeros problemas que o país ainda enfrenta.

Nestes 23 anos de paz, elegemos como prioridade e como objectivo fundamental resolver os principais problemas herdados da guerra, no âmbito de uma definição de prioridades em que, para além da reabilitação das principais infra-estruturas fundamentais para o desenvolvimento, o combate à fome, à pobreza e às desigualdades sociais estão no centro de todos os nossos esforços e atenções.

Imediatamente após o fim da guerra, tivemos de resolver o problema de milhares de deslocados e refugiados, restituindo-lhes um mínimo de condições humanas de vida, para que acreditassem que a paz tinha valido a pena e que tinha chegado a hora de desarmarmos os espíritos e as mentes, para nos dedicarmos sobretudo às tarefas do desenvolvimento.

Juntamente com nossos parceiros internacionais, o país está a fazer um grande esforço para a desminagem, com vista a garantir a livre circulação de pessoas e bens, viabilizar o desenvolvimento de projectos agro-pecuários e a implantação de quaisquer outros projectos de desenvolvimento económico e social. Nossa ambição é trabalhar para Angola ser declarada livre de minas nos próximos dois anos.

Continuamos a trabalhar nas reformas para a melhoria contínua do ambiente de negócios, propício à atracção do investimento directo estrangeiro, na diversificação da nossa economia e no aumento da oferta de bens e serviços para consumo doméstico e para a exportação.

Tudo isso tem como objectivo garantir o bem-estar social das nossas populações, através de maior oferta de serviços sociais como o acesso à escola, habitação, água, energia e assistência médica e medicamentosa.

Excelências,

Caros Compatriotas

Estamos cientes de que há ainda muito por fazer e de que a grande obra da promoção do desenvolvimento de Angola não é realizável em apenas duas décadas de paz.

É preciso, por isso, que cada angolano saiba preservar e valorizar as conquistas alcançadas para que juntos possamos construir um futuro melhor e Angola se possa orgulhar dos seus feitos.

Estamos a dar passos firmes para rompermos o ciclo de subdesenvolvimento em que nos situamos. Por isso, entre outras acções, temos feito apostas decisivas em infra-estruturas de produção de energia eléctrica, sem as quais não podemos industrializar o país, em alinhamento com as tecnologias mais modernas do mundo dos nossos dias.

Dispomos actualmente de uma produção de energia eléctrica suficiente para as nossas actuais necessidades e que queremos, tão rapidamente quanto possível, levar a todos os cantos do território nacional e vender aos países limítrofes, pelo que temos procurado atrair investidores interessados na construção de linhas de transmissão e na comercialização de energia eléctrica.

Não vou ser exaustivo na descrição das realizações do Governo, por o termos feito há poucos dias no discurso sobre o Estado da Nação.

Contudo, não posso deixar de considerar oportuno fazer uma referência ao Corredor do Lobito, um projecto de grande envergadura, cujo alcance e benefícios vão para muito além das fronteiras angolanas.

O Corredor do Lobito tem despertado um grande interesse internacional porque tem um grande potencial de oportunidades para a realização de negócios com parceiros e investidores estrangeiros para alavancar o desenvolvimento de Angola e tornar a economia nacional mais robusta e mais capaz de responder às ingentes necessidades do nosso país e da África Austral. Estão projectados um conjunto bastante variado de empreendimentos no Corredor do Lobito, que vão desde o transporte de mercadorias e minérios e o seu escoamento rápido a preços

competitivos para o resto do mundo, passando pela agricultura, pelos serviços, até à criação de indústrias relevantes na região.

O Corredor do Lobito é um pólo gigantesco de desenvolvimento que vai desempenhar um papel decisivo no conjunto das infra-estruturas essenciais de interconexão em África, no quadro da operacionalização da Zona de Livre Comércio Continental Africano.

Excelências,

Caros Compatriotas

Nestes últimos anos, dedicámos uma atenção muito especial à saúde dos angolanos e, neste contexto, criámos infra-estruturas hospitalares de alta categoria, capazes de atender um vasto leque de especialidades médicas e dotadas de equipamentos e tecnologias modernas.

Essas infra-estruturas prestam um serviço tanto melhor ao povo angolano quanto mais capacitados estiverem os seus quadros, sendo que, por isso, estamos a cuidar da formação de mais especialistas nas nossas escolas e universidades, assim como em instituições de referência mundial em outros países.

Excelências,

Caros Compatriotas

Angola tem uma sensibilidade muito especial para as questões da guerra, da paz e da liberdade e independência dos povos, por ter passado por essa experiência e por ter vivido várias décadas em conflito.

É por isso que Angola se solidariza com os povos em luta pela liberdade e se coloca sempre ao dispor dos países em conflito para contribuir com a sua experiência para a resolução desses problemas, muitos dos quais de grande complexidade.

Pautamos a nossa política externa na necessidade do cumprimento dos princípios de não-agressão, da boa vizinhança, da resolução pacífica dos conflitos pela via negocial, do estrito cumprimento dos princípios da Carta das Nações Unidas e do Direito Internacional.

Por isso, advogamos a necessidade do fim da guerra contra a Ucrânia, da resolução do conflito no Médio Oriente, que conduza ao cumprimento das resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre a imperiosa necessidade da criação do Estado da Palestina.

A situação volátil nos países do Sahel africano, as guerras no Sudão e na República Democrática do Congo, que ameaçam a balcanização desses países, devem merecer toda a nossa atenção.

O flagelo dos golpes de Estado e das mudanças inconstitucionais em África voltou a ganhar força e contornos preocupantes, com a destituição de Governos legitimamente eleitos em vários países do nosso continente.

Estamos muito preocupados com o recrudescimento e a proliferação de grupos terroristas em determinados pontos do nosso planeta e de África em particular.

Olhamos para o mundo de hoje com apreensão, porque assistimos a uma confrangedora banalização da vida humana nas guerras e nos conflitos que assolam este nosso planeta.

Tudo isso ocorre quase sempre em violação às normas do Direito Internacional e das que regem as relações entre os Estados.

A Organização das Nações Unidas está a revelar-se impotente para ajudar a impor a ordem e fazer face aos excessos das grandes potências.

Defendemos firmemente o multilateralismo, por ser o único modelo inclusivo e capaz de congrega todas as Nações do nosso planeta à volta da abordagem dos grandes temas que afligem este mundo contemporâneo em que vivemos.

Defendemos a necessidade da reforma do sistema das Nações Unidas, em particular do seu Conselho de Segurança, por não reflectir mais a realidade do equilíbrio de poderes e da configuração geopolítica, demográfica e de desenvolvimento económico das diferentes regiões do planeta.

Excelências,

Caros Compatriotas

A questão das mudanças climáticas está no centro das preocupações mundiais relativamente às quais Angola tem procurado contribuir com acções que ajudem a mitigar os efeitos nocivos que daí advêm, com especial destaque para a produção de energias limpas, que constitui actualmente a matriz fundamental da nossa produção energética.

Excelências,

Caros Compatriotas

A presença significativa de convidados estrangeiros nesta cerimónia não só nos prestigia, como reforça também a nossa convicção de que Angola é vista hoje cada vez mais como uma Nação determinada a vencer e transpor obstáculos e a contribuir para o esforço da projecção de África no mundo.

Angola assumiu, pela primeira vez, a Presidência temporária da União Africana, o que confere maior solenidade, maior importância e um significado marcadamente histórico às celebrações destes 50 anos da nossa Independência Nacional.

Permitam-me, em nome dos angolanos, agradecer a todos os amigos e parceiros de Angola, dizer um muito obrigado a todos os países, cidadãos e organizações estrangeiras pelo apoio inestimável e decisivo que prestaram ao povo angolano na sua luta pela conquista e consolidação da Independência e Soberania Nacional e pela reconstrução nacional.

Obrigado a todos que acreditaram nas nossas reformas, na melhoria do ambiente de negócios e estão a fazer investimento directo estrangeiro em Angola.

Angolanas e Angolanos,

Caros Compatriotas

São passados 50 anos desde que, como resultado da nossa luta, deixámos para trás 500 anos de colonização, escravatura e humilhação.

São passados 37 anos desde que no Cuito Cuanavale derrotámos a suposta invencibilidade do exército do regime do Apartheid, golpe determinante para sua queda definitiva, que possibilitou a implantação de um regime democrático na África do Sul e a proclamação da independência da Namíbia.

São passados 23 anos desde que pusemos um fim definitivo ao conflito armado entre irmãos, filhos da mesma mãe, Angola, acontecimento que nos trouxe a paz e a reconciliação nacional.

Ultrapassados que foram estes três grandes obstáculos ao nosso desenvolvimento económico e bem-estar social dos angolanos, uma vez que “a guerra ficou para trás”, o apelo que faço às angolanas e angolanos é o de trabalharmos juntos para a consolidação da nossa economia, para o desenvolvimento económico e social do nosso país.

Este deve ser nosso principal foco. Não deixemos que as disputas e querelas partidárias consumam grande parte do nosso tempo e de nossas energias.

Precisamos de fazer um grande investimento na educação e ensino, acelerar o processo de redução da taxa de analfabetismo, retirar ao máximo as crianças que, por diferentes razões como carência de escolas, gravidez precoce e outras, se encontram fora do sistema de ensino.

Precisamos, por isso, de construir mais infra-estruturas escolares, mas, acima de tudo, investir mais na formação de formadores, de professores para todos os níveis de ensino.

Precisamos todos de trabalhar mais e melhor e de criar a consciência de que o progresso, o desenvolvimento, não vem apenas da acção dos governos, mas sim do esforço colectivo e conjugado de toda uma sociedade.

Vamos todos trabalhar para o fortalecimento do sector privado e cooperativo da nossa economia, para a diversificação da nossa economia, para o aumento da oferta de bens e de serviços, para o aumento do leque dos produtos e bens de exportação, para o aumento da oferta de emprego.

No quadro do sistema de condecorações vigente, vamos continuar a outorgar medalhas, sobretudo àqueles que se destacam nos diferentes ramos do saber, aos investigadores, aos promotores de start-ups, de pequenas e médias empresas, aos produtores de alimentos, às indústrias de transformação, que produzem e dão emprego, àqueles que, ao invés de se

limitarem a lamentar de braços cruzados, arregaçam as mangas e vão à luta, enfim, a todos que, com seu trabalho paciente e árduo, fazem Angola crescer.

Muito obrigado pela vossa atenção!